

PANORAMA ECONÔMICO



FLÁVIA OLIVEIRA (interina)

Crianças na ativa

• Ao contrário do que pode supor o senso comum, é em anos de intensa expansão econômica que o trabalho infantil aumenta. A conclusão está em estudo do economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV. Os dados mostram que o risco de crianças de 10 a 15 anos começarem a trabalhar cresceu nos biênios que marcaram a implantação dos planos Cruzado e Real.

O trabalho da Fundação Getúlio Vargas ajuda a entender os motivos que levam as crianças a entrar no mercado de trabalho. E deruba mitos. Na série que começa em 1982 e termina em 1999, o biênio 86-87 — quando o país cresceu cerca de 5,5% ao ano — foi o período mais propício à expansão do trabalho infantil.

De cada cem crianças das seis maiores regiões metropolitanas do país (Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador), 11 tornaram-se ativas naquele momento. O movimento perdeu fôlego nos anos seguintes, em ritmo idêntico ao da economia. Voltou a crescer em 94-95, quando o Plano Real fez o PIB avançar 5,9% e 4,2%, respectivamente.

— O trabalho infantil torna-se um problema mais sério em períodos de *boom* econômico, porque as oportunidades aumentam para adultos e crianças. Na recessão, faltam vagas para todos — diz Neri.

Vale lembrar que o Brasil acaba de entrar num desses ciclos de crescimento

que — com sorte — será duradouro. Diante disso, é hora de dar atenção redobrada à ocupação infantil, que melhora o presente mas compromete o futuro das famílias e do país.

A solução, defende Neri, é aumentar a atratividade das escolas. O professor Cristovam Buarque, ex-governador do Distrito Federal, sugere a ampliação do Bolsa-Escola, programa de sua autoria que dá renda às famílias que mantêm os filhos matriculados.

Mas não é apenas o comportamento do PIB que influencia o trabalho infantil. A probabilidade de uma criança moradora de São Paulo trabalhar é maior (10,5%) que a de uma de Recife (6,76%) ou Salvador (5,67%). No Rio, as chances são de seis em cada cem.

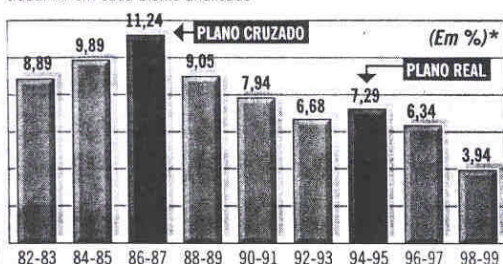
O estudo mostra ainda que a ameaça do trabalho infantil cresce em relação inversa à escolaridade do pai e, sobretudo, da mãe. Crianças cujas mães estudam mais de 16 anos têm quase nenhum risco de trabalhar. Já filhos de analfabetas têm 14% de probabilidade.

Editoria de Arte



Risco de trabalhar

*O indicador mostra a probabilidade de uma criança começar a trabalhar em cada biênio analisado



FONTE: PME/IBGE, com elaboração do CPS/FGV